

CARTOGRAFAR MAPAS

Entrevista com Marina Camargo

MAPS CARTOGRAPHY
Interview with Marina Camargo

Marina Camargo¹ e Taís Beltrame dos Santos²

Apresentação

Marina Camargo³ é natural de Maceió, mas estudou em Porto Alegre, onde concluiu bacharelado e mestrado em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde os anos iniciais, suas pesquisas estiveram marcadas por uma noção expandida de desenho, na qual imagem e pensamento se constituem mutuamente e, assim, estruturam o próprio processo de trabalho. Questões relacionadas à cartografia começaram a interessá-la durante o período em que viveu em Barcelona (onde estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona, Espanha), a partir de quando o sentido de deslocamento físico passou a ser recorrente em seus trabalhos. Em 2010, Marina Camargo recebeu uma bolsa do DAAD para estudar com Peter Kogler na Akademie der Bildenden Künste em Munique (Alemanha), onde posteriormente concluiu sua formação. Durante esse período, seu trabalho voltou-se para questões relacionadas a lugares específicos, explorando dimensões diversas da paisagem e da representação dos lugares. Atualmente vive em Porto Alegre e Berlim.

Entrevistada

Marina Camargo

Entrevistadora

Taís Beltrame dos Santos

Roteiro

Taís Beltrame dos Santos e Eduardo Rocha

Revisão

Taís Beltrame dos Santos, Paula Pedreira Del Fiol e Eduardo Rocha

1 Mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (UFRGS). Bacharel em Artes Visuais (UFRGS). Estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona (Departamento de Bellas Artes, UB – Espanha). Recebeu a bolsa DAAD para artistas, recebendo o Diploma da Akademie der Bildenden Künste (AdBK) de Munique.

2 Graduada em Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018).

3 Ver mais em: <https://www.marinacamargo.com/>

Taís Beltrame: O que é o sul para Marina Camargo, alguém que nasceu em Maceió, cresceu em Porto Alegre e hoje habita também a Alemanha?

Marina Camargo: No mapa que Mercator desenhou em 1569 – e que ainda hoje é muitas vezes usado como referência – o Norte está no alto do desenho. Para nós, hoje, essa informação parece irrelevante, mas ela nos lembra que o Norte (assim como o Sul) é fruto de uma convenção, ou seja, algo que um dia foi inventado e depois assimilado como uma verdade dominante.

Lembro de algumas expressões idiomáticas que se referem ao Sul: Em inglês, a expressão *Go South (Things went South)* refere-se a uma situação que se torna ruim após já tenha sido boa. *Perder o Norte*, no sentido de desorientar-se ou de não saber o que fazer. Em ambos exemplos, o Norte e o Sul são ideias abstratas, sendo que o Sul é mencionado como algo negativo.

Quando Torres-García desenhou a América do Sul invertida e declarou que *nuestro Norte es el Sur*, propôs uma inversão de sentidos que é tão simples quanto potente. É uma afirmação que propõe uma outra visão de mundo na qual a margem é deslocada para o centro (ou, de modo mais literal, o Sul é posicionado no lugar do Norte).

Comento tudo isso para dizer que a noção que tenho de Sul, hoje, está intimamente relacionada com o que entendo por um lugar de origem. Penso em Sul num sentido amplo, o Sul do mundo, América do Sul. Também entendo “origem” como um mosaico de lembranças, referências e invenções, porque não existe uma origem única.

O que me parece importante pensar é como os deslocamentos estruturam as pessoas, alteram os modos de entendimento do mundo. É possível que, para mim, a mudança do Nordeste para o Sul do Brasil tenha sido a mais marcante –provavelmente por ter sido o primeiro grande deslocamento, e porque esse movimento inaugurou uma vida partida em dois mundos. Com o tempo, o lugar de origem foi se transformando. Mas a experiência ali inaugurada de viver entre dois mundos, permanece comigo e ainda é bastante presente na minha vida e no trabalho.

Taís Beltrame: O que a Marina Camargo tem interesse em pesquisar?

Marina Camargo: A percepção de mundo marcada por um sentido de deslocamento é algo que me interessa pesquisar. Há várias dimensões desta questão. Uma delas refere-se ao sentido poético de provocar um “giro” na percepção que leva a uma outra compreensão de algo que está tão presente que se torna invisível. Também o sentido físico de deslocamento é algo que me mobiliza muito: pensar as migrações, os fluxos humanos no mundo, os bloqueios a esses movimentos (como é o caso das fronteiras), mas também o deslocamento numa cidade ou região.

Esses diversos sentidos relacionados à ideia de deslocamento têm sido recorrentes em meus trabalhos. Algumas vezes, essa noção ganha um sentido mais poético, noutras vezes, mais político.

Taís Beltrame: A arte tem a capacidade de repensar, re-determinar ou ainda sucumbir as fronteiras?

Marina Camargo: Depende de quais fronteiras nos referimos. Em relação a fronteiras políticas, infelizmente não acredito que a arte possa provocar alterações efetivas. Mas a arte tem sim a potência de fazer repensar e, talvez, inclusive alterar outros tipos de fronteiras, como as sociais, econômicas, identitárias. Às vezes não percebemos mas estamos rodeados de diversos tipos de fronteiras – algumas delas não são percebidas, em especial quando estamos do lado privilegiado ou dominante.

Taís Beltrame: O que pode ser um mapa? O mapa precisa ter um sentido? O mapa tem uma linguagem?

Marina Camargo: Um mapa é uma representação, uma espécie de visualização de dados. Pode-se desenhar mapas de lugares, regiões, mapas afetivos, históricos, mapas mentais... Entendo que um mapa envolve uma espécie de ordenação e representação de dados da realidade. Estamos habituados a ver mapas como elementos gráficos próximos da ciência, ou seja, como se houvesse uma precisão indiscutível na representação cartográfica. Entretanto, os mapas são também narrativas de um tempo, relatos de dominação, marcados por fatos históricos, interesses políticos, religiosos, econômicos, etc.

Um mapa é um documento de seu tempo, um registro das decisões tomadas por quem desenhou o mapa, ou seja, fruto de um contexto cultural, temporal, histórico, social. É como se houvesse uma distância entre a aparente neutralidade dos mapas e o contexto em que foram criados – é nesta distância onde procuro trabalhar e pensar a cartografia.

Taís Beltrame: O que é uma cartografia? O que pode uma cartografia?

Marina Camargo: Em meus trabalhos, a cartografia estrutura um modo de pensar os lugares e espaços. Há, na cartografia, uma espécie de redução de elementos do mundo, através da qual consigo imaginar distorções, esgarçamentos, fissuras: um pensamento cartográfico que possa desestabilizar ordens e narrativas estabelecidas do mundo.

Taís Beltrame: O que é um espaço? O que é um lugar?

Marina Camargo: Um lugar é um espaço habitado. O espaço tem uma dimensão física, uma extensão mensurável. Para além das definições, procuro observar como os lugares e espaços influenciam no pensamento e nos modos de entender o mundo. É muito curioso observar como algumas ideias, trabalhos ou conceitos estão intimamente ligados aos lugares onde eles foram concebidos.

Taís Beltrame: Que território é o sul do sul? O que poderia ser um mapa do sul?

Marina Camargo: *Sul do Sul* é um território que temos que inventar. Seria importante assumirmos para nós mesmos a criação (ou recriação) desse outro eixo: deslocar o centro para onde quisermos, de modo que o sentido de Sul ao Sul não signifique um estar à margem de nada, mas sim um centro a partir de onde se pensa o mundo de modo único. Torres-García nos ajuda a imaginar um outro mapa do sul. O Sul do Sul certamente não é definido por fronteiras políticas, mas por aproximações entre regiões. Pensar num território a partir de aproximações que ultrapassam interesses e identidades nacionais já parece um ótimo (re)começo.

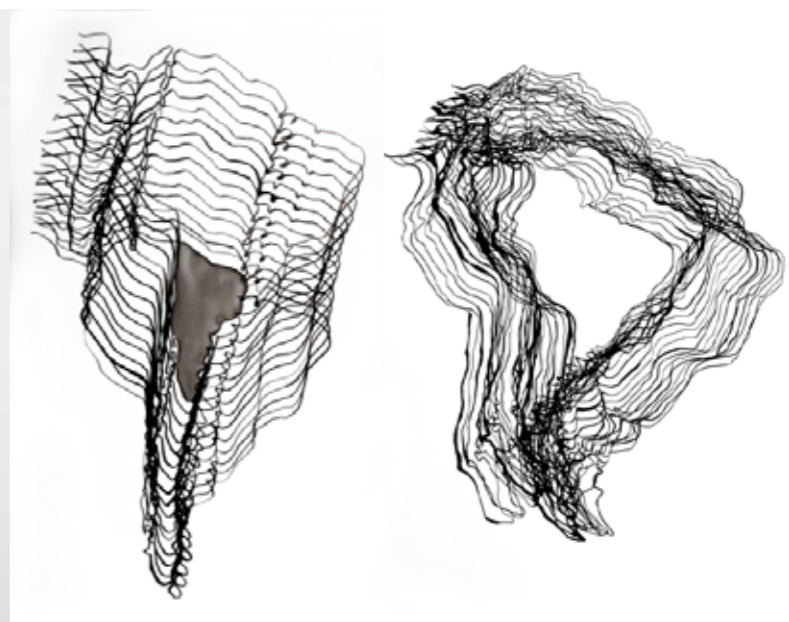
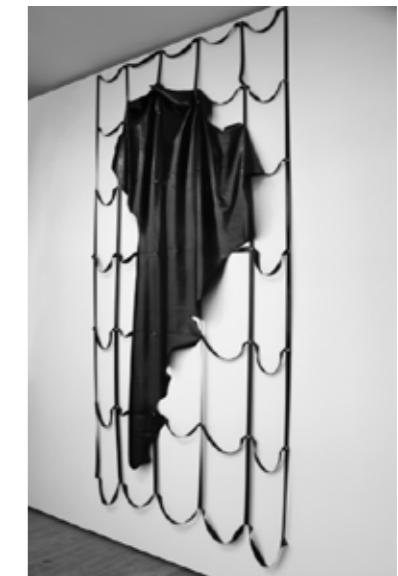
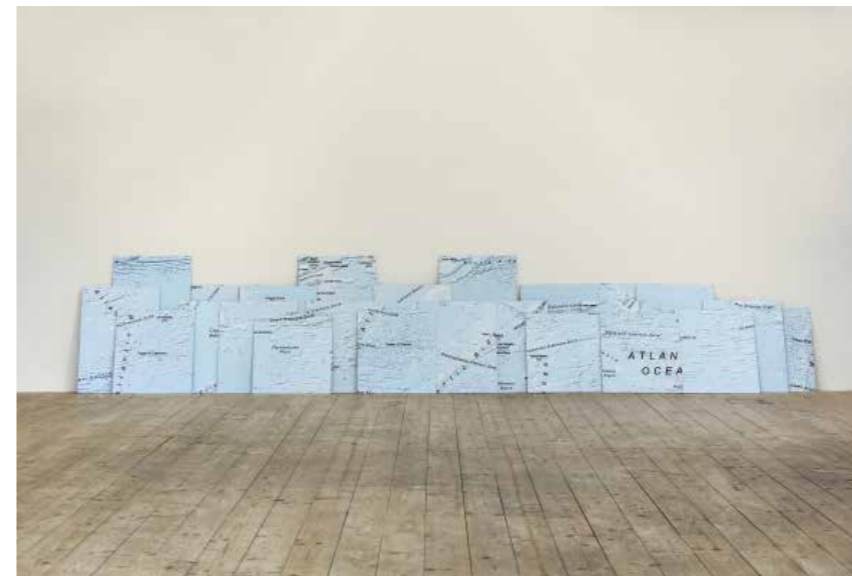


Figura 1 - Alto-mar (Atlântico)(2018). Figura 2 - América-látex Pós-extratvismo (2020). Figura 3 - Brasil. Extrativismo (2017). Figura 4 e 5 - Distúrbios (2020). Figura 6 - Mapa Mole (2019). Figura 7 - Distúrbios (2020).